

## **ESCUITA DE MULHERES CATADORAS DE RECICLÁVEIS DA COMUNIDADE VILA PRINCESA: SENTIDOS ATRIBUÍDOS ÀS RELAÇÕES DE GÊNERO E TRABALHO**

Listening to women waste pickers from Vila Princesa community: Meanings attributed to gender and work relations  
Escucha de Mujeres Recicladoras de la Comunidad Vila Princesa: Significados Atribuidos a las Relaciones de Género y  
Trabajo

Miriã Ortiz Passos de Andrade<sup>a</sup>; Halanderson Raymisson da Silva Pereira<sup>b</sup>; Rafael Ademir Oliveira de Andrade<sup>c</sup>.

### **RESUMO**

A reciclagem de materiais apresenta benefícios ambientais significativos, especialmente pela atuação contínua de cooperativas em "lixões" ou aterros sanitários, que desempenham um papel crucial nessa atividade. Além do impacto ambiental positivo, a reciclagem também tem uma dimensão social. Ela proporciona oportunidades de trabalho para pessoas em situação de vulnerabilidade, principalmente para catadores. Nesse contexto, esta pesquisa teve como objetivo analisar as narrativas de mulheres catadoras de materiais recicláveis da comunidade Vila Princesa, investigando os significados atribuídos às relações de gênero, trabalho e maternidade. A metodologia adotada foi qualitativa, na Vila Princesa em Porto Velho, com a participação de mulheres catadoras do aterro sanitário local. Foram entrevistadas três mulheres em seis visitas ao campo. A análise das entrevistas revelou uma forte interligação entre gênero, trabalho e políticas públicas, identificando essas relações como potencializadoras de violências e precarizações contra as mulheres da comunidade. Este estudo é fundamental para a compreensão dessas interconexões.

**Palavras-Chave:** Psicologia. Mulheres. Catadoras. Vila Princesa.

### **ABSTRACT**

Material recycling offers significant environmental benefits, especially due to the continuous work of cooperatives in "landfills" or sanitary landfills, which play a crucial role in this activity. Beyond the positive

---

<sup>a</sup> Pós-graduada em Docência no Ensino Superior (Uniasselvi), Mestranda em Psicologia (UNIR). Universidade Federal de Rondônia; Rondônia. ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-5570-2266> E-mail: [miortizpassos@gmail.com](mailto:miortizpassos@gmail.com)

<sup>b</sup> Doutor em Psicologia (PUCRS). Universidade Federal de Rondônia. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5928-4894>

<sup>c</sup> Doutor em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente (UNIR). Centro Universitário São Lucas, Porto Velho. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1047-3499>

environmental impact, recycling also has a social dimension. It provides job opportunities for people in vulnerable situations, mainly for waste pickers. In this context, this research aimed to analyze the narratives of women waste pickers from the Vila Princesa community, investigating the meanings attributed to gender, work, and motherhood relations. The adopted methodology was qualitative, conducted in Vila Princesa in Porto Velho, involving women waste pickers from the local landfill. Three women were interviewed during six field visits. The analysis of the interviews revealed a strong connection between gender, work, and public policies, identifying these relations as intensifying factors of violence and precarious conditions against the women in the community. This study is essential for understanding these interconnections.

**Keywords:** Psychology. Women. Waste pickers. Vila Princesa.

## INTRODUÇÃO

A origem da Vila Princesa remonta ao fim do ciclo do ouro em meados da década de 80 do século XX e com o desenvolvimento do aterro sanitário da cidade de Porto Velho, capital do estado de Rondônia, temos um aumento populacional na ocupação que chegou a 370 famílias (LIMA et al, 2019)<sup>1</sup> que de forma perene ou em trânsito dependem e convivem na Vila Princesa. O aterro sanitário de Porto Velho se encontra a 1 km de distância das moradias e recebe em torno de 450 toneladas de dejetos diários e onde 68% da população ali residente ocupam-se da reciclagem de resíduos sólidos (LIMA et al, 2019)<sup>1</sup>.

A reciclagem de materiais possui aspectos positivos do ponto de vista ambiental, considerando-se principalmente a organização constante das cooperativas responsáveis por tais ações nos “lixões” ou aterros sanitários que trabalham de forma mais efetiva nesta ação, a reciclagem possui também um impacto social ao passo que envolve pessoas em situação de pobreza e vulnerabilidade social em uma forma de trabalho, em sua maioria na forma profissão de catadores. O Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR, 2014)<sup>2</sup> aponta que dos 800 mil trabalhadores em atividade no Brasil, 70% seriam mulheres, maioria de mulheres negras e pardas, o que nos faz considerar que é fundamental realizar recorte de gênero (primariamente) e de raça (secundariamente) para estabelecer recorte e formas da análise nesta pesquisa.

Com relação à precarização do trabalho, a maioria dos catadores trabalha na informalidade, sem direitos sociais em caso de doença, por exemplo, realizando as ações inerentes a coleta de resíduos em grandes jornadas, devido a própria natureza do trabalho que requer ação extenuante e recorrente no labor. Sendo indivíduos que migram da cidade ou de espaços rurais de agricultura de subsistência, os catadores recorrem à sua nova prática laboral para prover as necessidades básicas alimentares, culturais e sociais (NASCIMENTO & CABRAL, 2019)<sup>3</sup>.

Quando falamos da questão das catadoras, fazendo um recorte de gênero, a precariedade do trabalho se torna ainda maior, sofrendo sobrecarga de trabalho, dupla jornada de gênero (quando a mulher, por fatores histórico-culturais, precisa dar conta do trabalho e da “casa”), impossibilidade de realizar estudos complementares para melhoria de alocação nas esferas sociais, as relações familiares tendem a levar as mulheres para a entrada precoce e continuidade de trabalho na catação, possuem ações específicas na catação (ir nas residências, por exemplo), geralmente as mais extenuantes ao passo que a ação mais técnica é reservada aos homens em uma divisão social do trabalho que considera o binômio homem forte/mulher frágil, sendo que as mulheres têm clara percepção que trabalham mais que os homens (NASCIMENTO; CABRAL, 2019)<sup>3</sup>.

As mulheres que trabalham como catadoras atuam de forma informal na cooperativa. Elas trabalham uma média de 45 horas por semana e a maioria delas está na cooperativa há mais de três anos. Essas informações estão alinhadas com dados de outras pesquisas mencionadas no artigo. Além disso, muitas delas são mães solteiras (sem um parceiro envolvido na criação dos filhos ou na administração financeira do lar) e enfrentam a sobrecarga de trabalho devido às responsabilidades de coleta e aos afazeres domésticos.

As condições de existência dessas mulheres em muitas ocasiões são precárias, contribuindo para o alastramento do desamparado experienciado, cuja invisibilidade e desqualificação social são marcas que dificultam o estabelecimento de laços sociais, importantes para seus processos de subjetivação, constituição de sentimento de

pertencimento e compartilhamento da cidadania. A invisibilização dessas mulheres e das questões sociais que as afetam ainda se relacionam com a vigência dos ideais veiculados a mulher, maternidade, lógicas de consumo e produção. A hegemonia do ideal, de um modelo burguês de família e de mulher, destituem as singularidades dessas mulheres, que carregam em seus corpos e subjetividades os signos da pobreza, violência, desigualdades.

Freud (1930/1996)<sup>4</sup> já sinalizava a impossibilidade de uma cisão entre a psicologia individual e coletiva, considerando os fenômenos sociais e as relações sociais. A experiência subjetiva estaria implicada a referência do sujeito ao Outro. As relações sociais, no entanto, no decurso da história, objetivaram a eliminação das diferenças, instaurando um ideal de normalização da sociedade. Em seus textos *O mal-estar da civilização* (1930/1996)<sup>4</sup> e *O futuro de uma ilusão* (1927/1996)<sup>5</sup>, Freud pontua a busca do homem de se proteger do seu desamparo nas situações em que não pode controlar: a finitude, a fragilidade do corpo e a agressividade na relação com o outro, seu semelhante. Essa condição de desamparo, pode estender-se à ordem social, como uma das políticas do neoliberalismo, produtora da quebra dos fundamentos do contrato social, a qual deixa uma parcela da população desprotegida. O desamparo é produzido no âmbito social, gerando outros tipos de violência, como a simbólica, que submete os sujeitos a um discurso hegemonicamente dominante que os exclui.

A desqualificação de outras formas de existência recai principalmente sobre as famílias pobres, consideradas vulneráveis, criminalizadas pelos excedentes da miséria. Rosa (2016, p. 29)<sup>6</sup> descreve que o “[...] enredamento do sujeito na maquinaria do poder processa-se ao provocar um equívoco em que o discurso social é oferecido como se fosse o discurso do Outro, como se fosse a dimensão simbólica que referencia a pertença do sujeito”. O desamparo discursivo não recobre o sujeito da linguagem, mas obtura-o, o desqualifica, o desubjetiva.

A experiência da psicanálise, aporte teórico utilizado como norteador para construção desta proposta investigativa, pode contribuir para sustentação de uma ética na

escuta dos sujeitos em situações sociais críticas (Broide & Broide, 2016)<sup>7</sup>, à revelia dos discursos alienantes que criam obstáculos para construção da travessia de tornar-se sujeito desejante (Rosa, 2016)<sup>6</sup>.

Broide & Broide (2016)<sup>7</sup> menciona que a retirada do Estado da vida das periferias, no processo de neoliberalismo teve consequências. A ausência de trabalho formal, o uso e tráfico de drogas e outras atividades ilícitas no território, faz com que se constitua uma porosidade entre o mundo formal e informal, entre o lícito e o ilícito. O autor ainda destaca que “[...] nos territórios da exclusão, as relações pautadas pelo medo e pelo desamparo conduzirão os vínculos familiares” (Broide & Broide, 2016, p. 71-72)<sup>7</sup>.

O dito e o não dito sobre as famílias consideradas negligentes ou incapazes de exercer proteção e cuidado podem causar a articulação do sintoma da criança aos discursos dos pais e das mães. O não dito articula-se com o silêncio, alienação, ideologia, história. Rosa (2016)<sup>6</sup> pontua que é preciso oferecer uma escuta ao sujeito que ocupa um lugar de resto na estrutura social, mas para isso é necessário considerar a resistência do analista, principalmente com relação a sua dificuldade de suportar relatos de sujeitos sob desamparo social e discursivo.

A *pregnância imaginária da miséria e uma suposta distância dos ideais da cultura podem ser um impeditivo para a escuta, para o reconhecimento do desejo do sujeito na transferência, levado à equivocada interpretação de sua forma de falar como falta de demanda ou de recursos do sujeito* (Rosa, 2016, p. 44-45)<sup>6</sup>.

A psicanálise, nesse sentido, é tomada como um direção teórica para escutar as mulheres catadoras de materiais recicláveis residentes na Comunidade Vila Princesa por compreendermos que articula-se às teorias sociais críticas, além de comportar em si um concepção de sujeito, cuja radicalidade está concernida ao um-a-um.

## **METODOLOGIA**

A metodologia de coleta e análise de dados deste trabalho foi a História Oral. A prática da história oral implica uma série de procedimentos meticulosos que abrangem

desde o levantamento até a análise dos dados coletados, além de considerações éticas cruciais durante todo o processo de pesquisa. Para compreendermos melhor essa abordagem, é importante dividir esses procedimentos em etapas claras e sequenciais.

Em primeiro lugar, a etapa inicial envolveu uma tramitação ética rigorosa. Isso implica que como qualquer projeto de pesquisa que envolva contato com seres humanos passe pelo crivo do comitê de ética, garantindo assim a proteção dos direitos e a integridade dos participantes envolvidos, este trabalho foi aprovado no CEP do Centro Universitário São Lucas Porto Velho, podendo ser comprovada a aprovação em [cep@saolucas.edu.br](mailto:cep@saolucas.edu.br)

O segundo passo foi o estabelecimento de contato inicial com a comunidade alvo da pesquisa. Nessa fase, buscava-se identificar os sujeitos detentores de memória relevantes, tais como líderes políticos, religiosos, pessoas idosas e falantes tradicionais da língua indígena. Essa identificação não se deu de forma arbitrária, mas sim através de um diálogo aberto e constante com a própria comunidade, respeitando suas dinâmicas e práticas culturais.

Uma vez estabelecido esse contato inicial, procedia-se à definição dos marcos de memória relevantes para a pesquisa, em colaboração com os membros da comunidade. Esses marcos serviam como base para a realização das entrevistas, que eram gravadas para posterior análise. Importante ressaltar que as entrevistas ocorreram em diferentes etapas, levando em consideração a disponibilidade e a vontade dos colaboradores.

Após a realização das entrevistas, foi realizado o processo de textualização dos relatos orais. Aqui, as transcrições foram feitas com o intuito de transformar a oralidade em texto escrito, preservando ao máximo as nuances e peculiaridades da fala dos participantes. Esse processo não apenas permitiu uma melhor organização e análise dos dados, mas também possibilitou uma devolutiva aos colaboradores, respeitando assim sua contribuição e garantindo a transparência do trabalho realizado. Os TCLEs se encontram em posse dos pesquisadores e podem ser consultados por interessados.

A etapa seguinte consistiu na análise dos resultados obtidos, utilizando-se de formas de comunicação científica e técnicas adequadas aos objetivos do projeto. Essa análise não se limitou apenas à interpretação dos dados, mas também buscou contextualizá-los dentro de um quadro mais amplo de conhecimento, contribuindo assim para o avanço da pesquisa e para o enriquecimento do entendimento sobre a história e cultura dessas mulheres amazônidas.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

O *corpus* empírico deste trabalho constituiu-se pela análise das anotações de diário de campo e das três entrevistas realizadas com mulheres que trabalhavam e residiam na comunidade Vila Princesa. As entrevistas e anotações de campo, foram analisadas com o objetivo de destacar as regularidades de temas, das quais foram construídos blocos discursivos de análise no a posteriori como preconizado pela análise do discurso a partir de um recorte interpretativo. Para melhor identificar as mulheres entrevistadas, foi apresentado um breve resumo de suas histórias de vida.

Seguido dos recortes da história das mulheres, foram construídos eixos temáticos de análise: 1) narrativas sobre gênero; 2) vivência e relação com a maternidade (3) relações com o trabalho (4) Políticas Públicas e território de existência.

### **História de vida**

*Participante 1* tem 47 anos, mãe de 2 filhos, avó, casada e residente na Vila Princesa há 20 anos. Com promessas de uma melhoria de vida feita por familiares do seu esposo, vendeu sua casa no Acre e se mudou para Porto Velho. Sem conseguir uma residência e um emprego, junto com sua cunhada procuraram um terreno na Vila Princesa, construindo a casa que reside até hoje, assim, iniciando o trabalho como catadora no lixão. Quando seus filhos ainda eram pequenos, seu esposo faleceu e a renda familiar fica apertada, na tentativa de conseguir uma pensão por morte para os filhos no INSS é recusada pois seu marido

nunca tinha trabalhado de carteira assinada, passando a sobreviver somente com a sua renda de catadora. Casou-se novamente e seu novo esposo tem um emprego na cidade, seu filho começa a trabalhar no lixão junto com ela e sofre um acidente com lenha, causando-lhe uma deficiência visual nos dois olhos. Após o acidente, passou a ser a cuidadora do filho em tempo integral, impossibilitando de ambos irem trabalhar e a renda familiar diminuindo. Sem ajuda da cooperativa que o filho fazia parte, a família vive com ajuda da igreja em que congregam, e como ninguém mais da família trabalha no lixão, seu desejo é de voltar para o Acre. Mas para isso ocorrer, deseja primeiramente vender sua casa para poder comprar outra quando se mudar, devido a sua preocupação com seu filho.

*Participante 2* tem 41 anos, mãe de 4 filhos, avó, casada e residente na Vila Princesa há 20 anos. Nascida em Lábrea no Amazonas, vivia nas margens do rio com seus pais e 3 irmãos, ali viviam da pesca e do plantio. Alguns anos depois, nasce seus dois primeiros filhos e uma briga entre ela e sua mãe. Sua mãe não acreditava em sua palavra, acusando que estava mentindo e então decide sair de casa e ir para Porto Velho com seus dois filhos. Mas, sua mãe, que não confiava em seu namorado na época, não a deixava levar seu filho caçula, e ao decidir deixar ele com ela, mudou-se para a Vila Princesa. Pouco tempo depois voltou à cidade para visitar seu filho e depois disso nunca mais voltou à Lábrea. O namorado virou seu esposo, na época ele tinha 40 anos, possuía uma casa na Vila Princesa onde foram morar e se casaram. Juntos tiveram 2 filhos, ambos trabalhando como catadores de recicláveis no lixão estão mantendo até hoje um casamento conturbado e com muitas brigas. Há dois anos vem tratando uma doença no pé, os médicos disseram que era micose, mas nem os remédios e nem as pomadas sararam a sua ferida, a impossibilitando de ir trabalhar por conta das dores. Há um ano, sua mãe e seu pai compraram uma casa na Vila Princesa pois necessitam realizar exames médicos e cirurgia. Sua relação com seu pai sempre foi boa, com sua mãe vêm melhorando, ela de vez em quando vai trabalhar no lixão para conseguir um dinheiro. Uma de suas filhas ganhou um bebê há 7 meses e o assistente social não queria entregar o seu neto para sua filha, assim, assinou um documento

assumindo a responsabilidade pela criança. Sabendo a dor de não poder criar um filho, auxilia a filha a criar o seu. Hoje gostaria de se separar e voltar para Lábrea, mas se vê sem opção, não tem para onde ir e emprego para manter os filhos.

*Participante 3* tem 40 anos, mãe de 4 filhos, avó, viúva e residente na Vila Princesa há 24 anos. Seus pais foram morar na Vila Princesa e compraram vários terrenos na rua principal, ao visitá-los decide ficar morando com eles novamente. Assim, inicia seus trabalhos como catadora de recicláveis no lixão, seus pais voltam para o centro de Porto Velho e sem opção de emprego decide ficar na Vila Princesa. Anteriormente a essa mudança, bebia bebidas alcoólicas quase todos os dias e quando inicia essa nova fase em sua vida, não bebeu mais. Casada e com os quatro filhos, um dia seu esposo saiu para ir na sua mãe e abordaram e mataram ele, seu filho estava chegando no local e os assassinos não o viram. Já fazem sete anos do ocorrido, acredita que ocorreu por “bandidagem” e após esse dia decidiu que não irá mais se envolver emocionalmente, tem receio de sofrer como outras mulheres conhecidas sofrem. Sua filha mais velha é deficiente auditivo e foi morar na Bahia com seu parceiro, sua outra filha mora na quadra de baixo com o seu neto e os dois mais novos estão morando com ela, com 18 e 16 anos. Mas trabalha para seu próprio sustento e da sua filha que é menor de idade, diz que não compra comida para o filho que já é maior de idade, pois acredita que já tem idade para se virar. Hoje seu maior medo é a casa cair pois as madeiras estão ficando velhas, com auxílio de conhecidos ela realiza a própria manutenção da sua residência. Sem receber auxílios governamentais e sobrevivendo com o dinheiro que consegue com os materiais coletados, não tem perspectiva de sair da Vila Princesa. Acredita que por não ter concluído os estudos não irá dar um emprego para ela e gosta muito de morar naquela região.

### **Análise sobre Gênero, Maternidade e Políticas Públicas**

#### Quadro 1 - Narrativas sobre gênero

Participantes	Narrativas
Participante 1	“Eu me vejo assim [silêncio] normal mermo. Eu me vejo como qualquer um mermo. Trabalhadora. Todas as mulheres trabalham lá dentro, né? Normal. Tem muita gente que chega aí tampando o nariz. Aí eu digo que nós, ninguém aqui não é igual, né?”
Participante 1	“Pois no tempo que eu morava com outro, que eu fiquei viúva aqui mermo. Aí eu fiquei com, com meus filho de menor ainda... [som de televisão] Eu ralei muito pra criar eles. Mas eu venci. É o que eu tenho pra dizer pra vocês é isso. Eu não tem o que falar daqui não.”
Participante 3	“É! Ela que implica né? E pra que que a senhora pintou o cabelo? Pra mim! Quem tem que gostar é eu! Não tô fazendo isso não é pra ninguém gostar não, né? Vou fazer uma coisa pintar o cabelo de uma cor por causa dos outros ter que gostar? Não!”
Participante 3	“Deus o livre. Muita pertubação, eu vejo ai as mulher tudo apanha do marido e tudo, não quero pra mim isso aí não, né? Meus filhos já tão grande já. Eu, nem que se eu quisesse tinha outro mais mermo, né? Quero não. Nem namorado, nem compromisso com ninguém não quero não. Eu gosto de ficar no meu canto.”

Fonte: Os autores, 2022.

Com relação às questões de gênero, destacamos inicialmente as falas da primeira participante. A depoente se enxerga enquanto normal, mas esta normalidade está em relação às demais colegas que trabalham com ela enquanto catadora no aterro sanitário de Porto Velho, ao passo em que tal “normalidade” é transformada em outra percepção de si quando comparada com os outros que “chegam tampando o nariz” e então tal normalidade é colocada em avaliação quando é delimitada pela presença do outro. A identidade é socialmente reforçada e refletida pelos sujeitos a partir da existência do contraste com participantes de outros grupos sociais (PIZZINATO, 2008)<sup>8</sup> e a Participante 01 evidencia isto em sua primeira fala.

A construção social da figura da mulher (sempre com cheiro artificial, “cheiro bom”, perfumada) é avaliada pelo grupo quando as pessoas indicam que as mesmas, possivelmente pelo espaço de trabalho e contato com os objetos do aterro sanitário, não estão ocupando este espaço imagético de mulher e ao final define a Participante 01 “ninguém aqui não é igual, né?”. É evidente o desconforto e a busca por uma reorganização a partir do

grupo social por não se encaixar inicialmente na figura social, ao mesmo tempo, é preciso trabalhar para “ganhar a vida”.

Trabalho é uma categoria que se relaciona com a questão de gênero, pois “*Trabalhadora*”. *Todas as mulheres trabalham lá dentro, né? Normal.*” pois ser mulher se relaciona com a questão de ser uma pessoa que trabalha e precisa garantir seu sustento dentro de uma perspectiva precarizada. Na segunda fala da mesma depoente torna-se evidente a questão de que o trabalho no local da pesquisa possui cobranças sobre a depoente, que teve que suportar “para vencer” as questões de ser uma mulher que reside em um lugar precarizado do ponto de vista das políticas públicas para educação, saúde, acesso, dentre outros elementos. Além de ser mulher, ser catadora, ainda existem papéis como ser mãe, criar seus filhos, o que somam categorias de dificuldades na vida social.

Na fala destacada da depoente 3, há a questão de ter a perspectiva de visão pessoal e vaidade impactada pela intervenção da filha, ao mesmo tempo em que a depoente afirma que pintou o cabelo “*pra mim!*”, para ela mesma, uma forma de afirmação identitária que é sobreposta e criticada pelo núcleo familiar mais próximo. A mesma depoente ao ser questionada sobre a questão de relacionamentos responde que “*Deus o livre*”, pois as mulheres todas estão aí apanhando do marido, não querendo nem compromisso, nem namorado, e sim “*ficar no seu canto*”, sendo claro que a violência se torna elemento de solidão desta mulher que se encontra em situações precarizadas.

No Atlas da Violência (IPEA, 2021)<sup>9</sup> é apontado que Rondônia é o novo estado de federação que mais mata mulheres (4,8 a cada 100 mil habitantes) e cinco dos dez estados mais violentos estão na região Norte do Brasil. Mulheres negras/pretas são 74% das mulheres mortas em Rondônia por violência (IPEA, 2021)<sup>9</sup>. De forma interseccionada, mulheres chefiadas por mulheres pretas são a maioria das que passam fome no Brasil e na Região Norte (PENSSAN, 2021)<sup>10</sup>, sendo assim, os relatos da depoente são amostras locais de uma situação estrutural em que estão inseridas mulheres pretas e pobres na região Norte,

ainda mais estando em uma situação de desabastecimento de políticas públicas como é a Vila Princesa.

Quadro 2 - Narrativas sobre maternidade

Participantes	Narrativas
Participante 1	“É. Um lugar fixo porque o como meu filho tá agora, não dá mais de eu ir assim a bobó não, tem que ser já. É por causa do acidente de lenha ele ficou cego, ele depende só de mim, levar ele pra tomar banho. Aí eu tenho que levar ele, tudo tem que ter uma pessoa acompanhando ele. Agora, dentro de casa não, dentro de casa ele se mete bem. Agora sair assim pra fora tem que pegar na mão dele.”
Participante 2	“É, e eu não vou abandonar meus fios, fui eu que tive eles.”
Participante 2	“Ia ser melhor se a gente criasse sem pai, porque é a gente sozinho pra fazer as coisa, agora depois que cresce e manda fazer alguma coisa dentro de casa é a maior briga.”
Participante 2	“É, as coisa dentro de casa não deixa faltar não... Pra cuidar mermo de menino assim, nunca deu nem um banho no menino.”
Participante 3	“Aí é só eu e ela. E eu tenho que trabalhar pra mim e ela. Né? Comprar as coisas pra ela, né? Que ela é adolescente, gosta de comprar uma camisa, comprar um, qualquer coisa né? E eu tenho que me virar, que é só eu e ela.”

Fonte: Os autores, 2022.

A maternidade é uma construção histórica e social, a mulher durante os séculos foi se apropriando gradativamente do lugar de ser mãe. Segundo Badinter (1985)<sup>11</sup> a filosofia do amor e do compromisso entre os filhos e seus pais, principalmente a figura da mãe, ocorre através da construção cultural histórica e da valorização da posição social da mãe na sociedade, como aquela que organiza o lar e ainda tem filhos e um marido sob seus cuidados.

Dos séculos V ao XVI a mulher não ocupava um lugar na sociedade, após a Revolução Industrial no final do século XIX a mulher passa ocupar este lugar da família nuclear burguesa. Este lugar que socialmente a mulher foi ocupado por diversas influências deu-se um sentido, de um lugar que ela não ocupava passa a ter um lugar de importância.

Com a consolidação da sociedade industrial, o conceito de maternidade passa a ter alterações, transição de um modelo tradicional para um modelo moderno. A mulher ingressa no mercado de trabalho, os avanços dos métodos contraceptivos, o surgimento do divórcio e a possibilidade de estabelecimento de novos relacionamentos amorosos, contribuíram para um declínio do modelo familiar tradicional (SCAVONE, 2001)<sup>12</sup>.

Embora tenham ocorrido muitas mudanças nas situações sociais das mulheres, o significado social mostra que ter filhos ainda coloca a mulher em risco e revela um aspecto significativo da lógica patriarcal (MARCIANO, 2021)<sup>13</sup>. Participante 2 ao ser questionada o por que não voltava para sua cidade natal, que é seu desejo revela *"e eu não vou abandonar meus fios, fui eu que tive eles."* colocando toda a responsabilidade em sua maternidade.

Badinter (2011)<sup>15</sup> acredita que a maneira de lidar com isso seria dividir as responsabilidades parentais desde o nascimento da criança. Na fala da Participante 2 *"é, as coisa dentro de casa não deixa faltar não... Pra cuidar mermo de menino assim, nunca deu nem um banho no menino"* sobre essa divisão igualitária, fica claro que a igualdade entre os sexos não foi alcançada, mesmo no cenário em que os dois trabalham a responsabilidade da criação e cuidados com os filhos é exclusivamente da mãe.

Na ausência da figura paterna dentro de casa a mãe se encontra em um cenário que é obrigada a cumprir papéis múltiplos e com a cobrança da sociedade para aguentar tudo e ser uma "mulher maravilha", resulta em mulheres exaustas, estressadas e cheias de culpa. Na fala da Participante 2 *"Ia ser melhor se a gente criasse sem pai, porque é a gente sozinho pra fazer as coisa, agora depois que cresce e manda fazer alguma coisa dentro de casa é a maior briga"*, pode-se observar a compreensão da própria solidão maternal.

Ainda neste contexto, a Participante 1 assume o papel total de cuidadora do filho após ele sofrer acidente de trabalho no lixão e deixa de trabalhar para ficar com o filho sem rede de apoio, *"É por causa do acidente de lenha ele ficou cego, ele depende só de mim, levar ele pra tomar banho. Aí eu tenho que levar ele, tudo tem que ter uma pessoa acompanhando ele."* A

Participante 3 também relata a solidão materna: "*Aí é só eu e ela. E eu tenho que trabalhar pra mim e ela. Né?*"

Esse afastamento paterno da criação de seus filhos para Badinter (1985)<sup>11</sup> o homem em busca da imagem tradicional do homem, sendo aquele detentor da palavra e representante do mundo exterior, se afasta de todo e qualquer demonstração de contato e afeto com seus filhos. Por isso, o amor paterno é em sua maioria, pode ser imaginado e expresso à distância.

Quadro 3 - Narrativas sobre trabalho

Participantes	Narrativas
Trabalho em Geral	
Participante 2	"Aqui, a gente vivido lixo né, por que pra gente consegui um trabalho assim mesmo na rua tem que coisar mermo, quem ta trabaiano mesmo é as meninas, minhas primas na UNIR, por que eu num to conseguindo andar."
Participante 2	"A gente vai ali e já consegue, R\$ 50, R\$60, R\$70, passar o dia, R\$100, tudo é melhor."
Participante 2	"É mermo, essa hora chega lá mais do que cansada, ardendo, o sol."
Participante 3	"E na batalha todo dia, quando eu não vou de dia, vou de noite, vou quando não vou de noite, vou de manhã, que eu não vou de manhã, vou de tarde. É assim, variando, né?"
Participante 3	"O dia é muito quente, muita gente não faz nada."
Participante 3	"Trabalho tá indo péssimo. Muita gente. E tem que trabalhar fechado agora por causa que quando é verão né? Aí diminui o material, diminui o preço."
Participante 3	"Porque é descontado. Porque o molhado é... eles diminui o peso, é descontado. É descontado. Por que um bergue dá cinquenta e dois quilo. Dois quilos já é tirado. Aí isso é só cinquenta."
Participante 3	"Se fechar tá todo mundo sem ninguém. Todo mundo morrer de fome. É, senão vão ter que pedir. Porque trabalho num tem, né? De ter tem, mas tem muita gente que... sem escolaridade ninguém quer dar trabalho pra ninguém. Né? Vamo ver o que que vai dar. Só Deus mesmo pra ver. "

Fonte: Os autores, 2022.

Os processos de trabalho dos catadores de reciclagem variam desde o local onde o trabalho é realizado até sua dinâmica, que inclui a atribuição de tarefas, as ferramentas utilizadas e, portanto, as relações estabelecidas entre eles. Outro ponto que atravessa diretamente na execução e condições físicas dos trabalhadores são os períodos de sol e chuva (GONÇALVES, 2004)<sup>15</sup>.

A região Norte do Brasil é marcado por ter o clima sazonal, ocorrendo chuvas fortes e diárias de dezembro a março e de abril a novembro seca e sol todos os dias. Isso afeta diretamente a saúde dos trabalhadores, como relata a Participante 2: *“é mermo, essa hora chega lá mais do que cansada, ardendo, o sol”* e a Participante 3 *“O dia é muito quente, muita gente não faz nada”*.

Outro fator que o clima da região influencia diretamente é no preço do material dos resíduos sólidos, nas épocas das chuvas os materiais ficam mais pesados e é descontado, a Participante 3 explica: *“Porque é descontado. Porque o molhado é... eles diminui o peso, é descontado. É descontado. Por que um bergue dá cinquenta e dois quilo. Dois quilos já é tirado. Ai isso é só cinquenta”*. Nas épocas de seca, o número de trabalhadores aumenta e o número de matérias por pessoa diminui, explana a Participante 3 *“Trabalho tá indo péssimo. Muita gente. E tem que trabalhar fechado agora por causa que quando é verão né? Ai diminui o material, diminui o preço.”*

Com os preços baixos das mercadorias, os trabalhadores sobrevivem na insegurança econômica, dificultando na administração do tempo de trabalho e na perspectiva de vida. No trabalho autônomo das mulheres, se trabalha para aquele dia, para poder comer e se organizar financeiramente, como relata a Participante 2: *“A gente vai ali e já consegue, R\$ 50, R\$60, R\$70, passar o dia, R\$100, tudo é melhor.”*

Para Alvez e Tavares (2006)<sup>16</sup> o trabalho informal ou autônomo nos lixões, os trabalhadores é inserido na lógica de exploração igualmente ou até mais do que nos espaços formais de trabalho. Com a informalidade o trabalhador *“faz seu tempo”* dá um ar de

liberdade como diz a Participante 3 *“quando eu não vou de dia, vou de noite, vou quando não vou de noite, vou de manhã, que eu não vou de manhã, vou de tarde. É assim, variando, né?”*.

O baixo nível de escolaridade dos catadores dificultam a inserção em outros ramos de trabalho, levando ao contentamento com os trabalhos não qualificados. Como resultado, a instabilidade ocupacional e a quase total falta de qualificação profissional são as características mais prevalentes nesta população. O lixão abre espaço para aquelas pessoas que tradicionalmente compõem o "exército industrial de reserva" e usam excessivamente sua força de trabalho para obter salários acima do mínimo necessário para a subsistência (ARAÚJO, 1997)<sup>17</sup>.

As Participantes 2 e 3 comentam sobre a falta de oportunidade de outras formas de emprego para aqueles que possuem baixo nível escolar, segue as falas delas consequentemente *“aqui, a gente vivido lixo né, porque pra gente consegui um trabalho assim mesmo na rua tem que coisar mermo”* e *“Se fechar tá todo mundo sem ninguém. Todo mundo morrer de fome. É, senão vão ter que pedir. Porque trabalho num tem, né? De ter tem, mas tem muita gente que... sem escolaridade ninguém quer dar trabalho pra ninguém. Né? Vamo ver o que vai dar. Só Deus mesmo pra ver”*.

Quadro 4 - Narrativas sobre Políticas Públicas para a Segurança

Participantes	Narrativas
Participante 1	<i>“E aqui foi onde achei o lugar bom pra mim morar... É pra mim ficar fácil. Eu não tenho o que falar daqui não. [som de mensagem no celular] E outra aqui é um serviço muito bom. Caso que a gente vai. Antigamente o pessoal mexia nas coisa da gente. Agora não.”</i>
Participante 2	<i>“Desde o ano trasado que o pessoal (prefeitura) cuidam de lá, entra todo mundo, quando era só nós não entrava todo mundo, só a gente pra trabaiá, agora todo mundo pode trabaiá junto.”</i>
Participante 2	<i>“Acho que sim hein, até roubo tem no lixão, antigamente num era assim... a gente podia deixar o material lá, semana todinha, agora pode deixar não.”</i>
Participante 3	<i>“Por caso que quer vir ficar com um monte de vagabundo em volta? Aí um puxa o outro. Aí nenhum faz nem nada pra pra mãe de ninguém mais nenhum, né? Aí</i>

	é assim. Aí fica pra lá e pra cá. Polícia não vem mesmo né? Quando vem não saiu acho que nem do carro. Vai vai embora.”
Participante 3	“Ninguém mexe. Primeiro tinha ladrão, agora não tem mais né? Por que tem uma tal de facção aí, né? E não pode mexer, ladrão não pode ter ladrão, não pode ter essas coisa, é tudo não tem.”

Fonte: Os autores, 2022.

Analisando as cinco falas das três depoentes sobre a questão da segurança pública no espaço de vivência, podemos chegar em três conclusões: primeiro que a polícia, que representa o poder Estatal oficial não é percebido enquanto presente, que eles mal ficam no espaço e sequer descem da viatura, apresentando que há sim uma precarização da questão da segurança pública e coletiva das pessoas que ali residem e das mulheres, que sofrem violências específicas.

O segundo ponto possível de análise é que antigamente, local destacado na memória da depoente, não existia crimes como acontecem hoje, no presente as pessoas não podem deixar seus materiais de trabalho que os mesmos serão roubados. O terceiro ponto vai ser contra o segundo: que antes tinha-se mais criminalidade no local e agora, com as facções, não é permitido roubar os locais, já que há um código que é imposto pela facção - traço comum de sociedades criminosas organizadas com o objetivo de diminuir a presença da polícia no local, não cometendo crimes na região, o policiamento não será chamado.

As perspectivas dois e três (mais crimes antes/mais crimes agora) se contradizem pois os indivíduos possuem experiências diferentes com o entorno, entretanto, analiticamente ambas podem ser confirmadas: o aumento da fome (PENSSAN, 2021)<sup>10</sup> e da desigualdade social no Brasil nos últimos anos leva a uma tendência de aumento da criminalidade em geral e a expansão do tráfico e da milícia para a região Norte do Brasil, que, se ancorando na precarização das políticas de proteção ambiental e territorial postuladas pelo atual governo Federal, tem se fixado em terras indígenas, garimpos ilegais e espaços urbanos periféricos, como é o caso da Vila Princesa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelas observações dos aspectos analisados, entende-se que a questão de gênero para as mulheres que vivem na Vila Princesa há uma dificuldade de autopercepção do seu papel como mulher nas relações sociais. Uma das depoentes não soube responder quando lhe foi perguntado sobre como ela se via como mulher dentro daquela realidade. Dentre as três participantes, duas têm um companheiro dentro de casa, entretanto, as três compartilharam de uma solidão maternal.

A maternidade culturalmente foi construída para ser vivida sozinha e nas classes sociais mais baixas a rede de apoio se encontra em menor quantidade. Para poder ir trabalhar, muitas delas levavam seus filhos para o lixão ou pediam para a vizinha ficar com seus filhos e revezavam no turno de trabalho, isso nos alerta para as falhas das Políticas Públicas dentro da comunidade. Nesta pesquisa pode-se observar a dificuldade do acesso das famílias aos programas sociais e a ausência do Estado dentro da Vila Princesa, onde a facção ocupou vem ocupando este espaço. Por todos estes aspectos a importância desta pesquisa para o Norte do Brasil e toda sociedade seja visto como um alerta, os dados coletados mostram que os moradores da comunidade estão vivendo uma exclusão social e se os rumores do lixão ser fechado se concretizar o que será de todos esses trabalhadores que vivem à margem da sua fonte de renda.

Por isso, acredita-se que novos estudos precisam ser realizados na Vila Princesa para compreender mais a fundo como esses impactos do pouco acesso das Políticas Públicas e de possíveis danos à comunidade se o lixão for fechado. O ideal de novas pesquisas, seria um olhar múltiplo (social, econômico e saúde mental) para dar força maior às vozes que não são escutadas. Levando em observação toda essa perspectiva dos dados analisados, da observação de campo, da dificuldade em realizar a pesquisa, realizar este trabalho teve uma relevância pessoal para além da academia, gerou em mim um desejo de continuar pesquisando mais sobre as comunidades do Norte do País e poder escutar aqueles que suas

vozes são caladas/ignoradas perante a sociedade e fazer que suas vozes ecoem através de dados e documentos para nunca mais serem caladas e esquecidas.

## REFERÊNCIAS

- 1 LIMA, Elivânia Patrícia et al. **Impactos da Efetivação da Lei 12.305/2010 à Comunidade de Catadores Vila Princesa**. In: Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais, 2019.
- 2 MNCR, MOVIMENTO NACIONAL DE CATADORES DE MATERIAIS REICLÁVEIS. **Mulheres são maioria entre Catadores de Materiais Recicláveis**. 2014.
- 3 NASCIMENTO, Aline Gadelha; CABRAL, Carla Giovana. **Catadoras de materiais recicláveis em Natal: gênero, meio ambiente e divisão sexual do trabalho**. Gênero. Niterói: v.20, n.1, p.018-033, 2019.
- 4 FREUD, S. **O Mal-Estar na Civilização**. In **S. Freud (Org.) (1930/1996)**, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1929.
- 5 FREUD, S. **O Futuro de uma Ilusão, O Mal-Estar na Civilização e outros Trabalhos (1925-1926)**, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2019.
- 6 ROSA, M. D. **A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica**. São Paulo: Editora Escuta, 2016.
- 7 BROIDE, J; B, E. E. **A psicanálise em situações sociais críticas: metodologia clínica e intervenções**. 2. São Paulo: Editora Escuta, 2016.
- 8 PIZZINATO, A. **Psicología e imágenes: el proceso de narración digital en la investigación sobre la identidad en la infancia en riesgo de exclusión**. Hallazgos. Bogotá: Vol. 5, Núm. 10, p.55-6, 2008.
- 9 IPEA. **Atlas da Violência no Brasil 2021**. Brasília: IPEA, 2021.
- 10 PENSSAN. **Olhe para a Fome: Insegurança Alimentar e covid-19 no Brasil 2020**. Brasília: Rede Penssan, 2021.
- 11 BADINTER, E. **Um Amor conquistado: o mito do amor materno**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- 12 SCAVONE, L. (2016). **A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais**. Cadernos Pagu, n. 16, p. 137–150, 2016.
- 13 MARCIANO, R. P et al. **As Representações Sociais da Maternidade e o Mito do Amor Materno**. Uberlândia: **Perspectivas em Psicologia**, v. 25, n. 1, p. 199-224, 2021.
- 14 BADINTER, E. **O conflito: A mulher e a mãe**. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- 15 GONÇALVES, R de S. **Catadores de Materiais Recicláveis: trajetórias de vida, trabalho e saúde**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/ENSP, 2004.
- 16 ALVES, M. A; TAVARES, M. A. **A dupla face da informalidade do trabalho: “autonomia” ou precarização**. In: Ricardo Antunes (org). **Riqueza e Miséria do Trabalho no Brasil**. São Paulo, SP. Boitempo, 2006.
- 17 ARAÚJO, L. M. S. **Trabalho, sociedade e exclusão social: o caso dos “bagulhadores” do lixão de Aguazinha**. Recife, 1997.